

ENTREVISTA COM JORGE ARMANDO NDLOZY

Colaboração de Wolfgang Pannek¹

Por favor, conte um pouco de sua trajetória como artista.

Jorge Ndlozy: Sou bailarino e coreógrafo de dança contemporânea e de dança tradicional moçambicana. Desde 1999, sou profissional dessa área das artes. Comecei em 1994 na igreja católica São João Baptista do Fomento, em que fazia parte de um grupo de adolescentes. Eu vinha de uma família na qual havia certa influência artística que passou de geração em geração. Meu pai, quando jovem, fazia parte de um grande grupo de dança *macuaela*². Meu irmão, Ndlozy³, virou um renomado escultor. Na família havia esse espírito, essa herança. Na igreja me deram espaço. Éramos dois amigos curiosos e gostávamos do desafio de conhecer melhor e de desenvolver a dança. As danças que eu desenvolvia e ensinava eram inventadas por mim e não tinham nome. Aos poucos, começamos a participar de concursos de dança e passamos a ganhar competições. Em Moçambique, havia e ainda há poucas companhias de dança. Acabei entrando na Companhia Municipal de Canto e Dança da Matola, a segunda maior do país, onde comecei a praticar as danças tradicionais com mais frequência. Aprendi as danças tradicionais de Maputo e de todas as províncias de Moçambique, como *xigubo*⁴, *nondje*⁵, *mapiko*⁶, *ngalanga*⁷, *chioda*, *khonza*, *mutxongoi*,

¹ A entrevista foi realizada por Sharine Melo, pelo Google Meet, em 13 de maio de 2022. A transcrição foi revisada e editada por Jorge Armando Ndlozy, com a colaboração de Wolfgang Pannek.

² Dança do Sul de Moçambique, influenciada pela cultura da África do Sul, a princípio executada por mineiros, depois praticada por homens em geral, acompanhada de cantos em que se satirizam aspectos da vida social (como, por exemplo, decisões patronais, conduta das mulheres e infelicidades conjugais). Fonte: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/macuaela>>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores).

³ Ndlozy é o nome artístico do escultor Sebastião Armando Jonze.

⁴ Tradicionalmente dançada para festejar as vitórias militares e para preparar os guerreiros para o combate. Fonte: <https://www.mozambiquehistory.net/arts/politica_cultural/19831100_semana_da_cultura.pdf>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

⁵ Surgiu durante a luta armada de libertação nacional, como evolução da dança Limbonde, de Cabo Delgado. Fonte: <https://www.mozambiquehistory.net/arts/politica_cultural/19831100_semana_da_cultura.pdf>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

⁶ Mistura de dança, teatro e música que cultiva a história e os signos do povo Maconde ao mesmo tempo que mantém o diálogo com o tempo atual. Após a independência de Moçambique, durante o período socialista, foi usada como elemento cívico. <[http://evento.abant.org.br/rba/30rba/files/1465940694_ARQUIVO_MapikoidentidadeMaconde-MarianaCondeRhormensLopes-Trabalhocompleto\(artigo\).pdf](http://evento.abant.org.br/rba/30rba/files/1465940694_ARQUIVO_MapikoidentidadeMaconde-MarianaCondeRhormensLopes-Trabalhocompleto(artigo).pdf)>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

⁷ Tradicional do distrito de Maputo, celebrava o regresso dos guerreiros, após uma batalha na qual haviam sido vitoriosos. <<https://sopra-educacao.com/2021/02/20/dancas-tradicionais-de-mocambique/>>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores).

wadjaba⁸, ganda⁹, semba¹⁰, niketche¹¹, chingomana¹² e makhuae. Nessa companhia aprendi tanta coisa, com tanta rapidez, que acabei fazendo espetáculos em outras regiões do país. Conheci professores de outras companhias, participei de workshops com outros coreógrafos, estabeleci relações artísticas.

Quando surgiu um novo grupo de dança contemporânea chamado Culturarte, participei de uma audição. Fui aprovado e participei da criação de uma peça de dança contemporânea de Título Ingaco, coreografada por George Khumalo, ambos sul-africanos. Na sequência, fiz workshops com vários professores internacionais, em Moçambique, em Portugal, na Alemanha e na Bélgica. A seguir, participei de uma outra audição promovida pela Culturarte, desta vez para o primeiro processo de formação em dança contemporânea em Moçambique. Faço parte desta primeira geração. Essa formação durou quatro anos e ocorreu na Culturarte, na escola de dança contemporânea PARTS, na Bélgica, e no Mark Theater, na África do Sul. Faço parte da primeira geração de dançarinos contemporâneos moçambicanos. Durante esse período, criei meu primeiro solo, *Falando de mim*. Esse solo recebeu um convite para o festival internacional *Danse l’Afrique*, em Paris, tendo aberto o festival. Fiz apresentações em vários países, como Alemanha e Bélgica. Nesses lugares pude aprimorar minha dança e entender melhor o corpo e o pensamento da dança. A minha linhagem é fazer algo meu, não de João, de Zezé. É trazer a minha própria marca. É onde consigo, talvez, incorporar a minha experiência e identidade.

Em 2005, a Taanteatro Companhia passou por Moçambique e, durante sete semanas, realizou um trabalho em colaboração com a Companhia Municipal de Canto e Dança da Matola. Sob direção e com coreografia de Maura Baiocchi, fizemos uma peça com o título *Xiphamanine*, derivado do nome de uma árvore chamada mphma. Essa árvore tem uma história de grande significado colonial. Havia um régulo muito temido, chamado

8 Dança originária do norte de Moçambique, antigamente executada em rituais de iniciação masculina. Desenvolveu-se durante o período de luta armada pela libertação nacional. <http://fcsh.unl.pt/mozdata/files/original/6/3405/MOZ_256.1.pdf>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

9 Originária do litoral do Lago Niassa, no norte de Moçambique, era praticada pelos homens como manifestação de alegria pelos sucessos obtidos na produção agrícola e na pesca. Durante a Luta Armada de Libertação Nacional, foi usada como instrumento de mobilização popular e de esclarecimento político pelo conteúdo revolucionário das suas canções. <http://fcsh.unl.pt/mozdata/files/original/6/3405/MOZ_256.1.pdf>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

10 Dança originária da Província de Sofala, no centro do País, exprime o sentimento dos jovens apaixonados. <http://fcsh.unl.pt/mozdata/files/original/6/3405/MOZ_256.1.pdf>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

11 Dança tradicional originária de Gilé, que ganhou muita força no trabalho forçado nas plantações de chá sob o controle das grandes companhias nos tempos coloniais. <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Niketche>>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

12 Originária da província de Gaza, é uma dança tradicionalmente feminina. <http://fcsh.unl.pt/mozdata/files/original/6/3182/MOZ_294.2.pdf>. Acesso em 05 Jun. 2022. (Nota dos editores)

Ngungunhane (1850 a 1906), o último imperador da província de Gaza, que resistiu ao Império de Portugal e foi exilado à força. Antes de enfrentar o exílio na Terceira Ilha dos Açores, onde também morreu, Ngungunhane passou pela fortaleza da capital, perto do porto, onde havia uma árvore chamada mphma. Lá ele se sentou em uma pedra, embaixo da árvore. Foi o último lugar onde se sentou em Moçambique. É um lugar histórico. A pedra está lá até hoje e essa árvore não se corta. Diz a lenda que, quando ela é cortada, passado um dia, o galho está de volta no mesmo lugar. Os turistas que vêm para Moçambique sempre vão visitar esse local.

No espetáculo *Xiphamanine - o eterno originar da árvore mphama*, apresentado no Teatro Cine África, fiz um solo com duração de 20 minutos. Durante três meses a gravação desta obra foi reprisada pela TVM (Televisão de Moçambique). Posteriormente, fiz contato com a Taanteatro Companhia. Pensamos em trabalhar juntos, mas ainda não havia condições para realizar esse plano. Então, fiz outros trabalhos como coreógrafo e em colaboração com outros artistas, em Moçambique e internacionalmente. Participei de concursos e ganhei alguns prêmios.

Em 2016, recebi o convite para participar das comemorações dos 25 anos da Taanteatro Companhia, em 2017, integrando o elenco da peça *Mil e um Platôs*. Foi uma linda peça. Fizemos quarenta apresentações em teatros de São Paulo. Na sequência, retornei para Moçambique. No ano seguinte, voltei novamente ao Brasil, por três meses. Sob direção de Wolfgang pannek, criamos *Mensagens de Moçambique*, que estreou na Sala René Gumiel da Funarte SP. Passei a integrar a Taantatro Companhia. Em 2019, concorremos em um edital do Programa de Fomento à Dança para a cidade de São Paulo. Ficamos em primeiro lugar. Desde então, estreamos outras peças, como *Chissano - rito para Mabungulane* (2020) e *Hamlet em Necropolis* (2021), também apresentados no Complexo Cultural Funarte SP. Além disso, realizamos projetos de cinema, como *O Teatro e a Peste de Antoin Artaud* (2020) e *Apokálypsis* (2021). Desde 2021, junto à Taanteatro Companhia, integro também a equipe de curadoria do Festival Internacional de Ecoperformance.

Como você vê a influência colonial na arte e nos circuitos artísticos de Moçambique e do Brasil?

Jorge Ndlozy: Em primeiro lugar, é preciso dizer que minha percepção artística ainda não incorporou por inteiro o tema do colonialismo no Brasil a ponto de poder falar desse assunto com muita propriedade. Mas posso falar um pouco sobre Moçambique. Em comparação ao Brasil que se tornou independente de Portugal há muito tempo, a independência moçambicana é mais recente. Nessa perspectiva histórica, estamos a uma distância enorme do Brasil. Ainda hoje em dia, sentimos uma grande influência colonial portuguesa em Moçambique. A colonização ainda existe e atua em nós, por exemplo, em forma da língua oficial do país, do sistema educacional e das instituições políticas. Por outro lado, tivemos uma verdadeira revolução anti-colonial. No Brasil, essa ruptura violenta, através da luta armada e pela independência política e cultural, não ocorreu. Além disso, a população originária bem como o governo pós-colonial de Moçambique são formados por negros. Por consequência, a população negra moçambicana não se encontra na situação minoritária e racista característica dos negros no Brasil.

Na revolução anti-colonial moçambicana, vários artistas tiveram um papel fundamental. O pintor Malangatana Valente Ngwenya e o escultor Alberto Mabungulane Chissano, para falar dos mais famosos, não apenas retrataram a luta contra o colonialismo mas também valorizaram o povo moçambicano e sua cultura. Com frequência, as obras de artistas de Moçambique expressam situações existenciais e sociais das diversas tribos e das famílias de nosso país, falam das crenças e práticas de nossos ancestrais. Quando digo *nossos*, falo também de mim, de meus pais, meus avós, etc. Meu pai foi militar e lutou contra a colonização. Foi um dos antigos combatentes pela libertação do país. Essa experiência da guerra, com suas perdas e conquistas, é uma das coisas que não saem de nossos trabalhos. Falo de modo geral. A maioria das danças ou expressões corporais reflete esse sentimento ligado à luta pela liberdade. É uma forma de criarmos uma paz para nós. Os artistas mais reconhecidos de Moçambique traziam essa energia pesada e pensaram em como transformá-la em algo que nos fosse benéfico. O espetáculo *Mensagens de Moçambique*, por exemplo, também traz essa questão. Aborda a possibilidade de superação da guerra e da luta violenta, sua transformação em algo que transmita a paz.

Como a arte pode contribuir positivamente com os movimentos negros, feministas, indígenas, LGBTQIA+, entre outros?

Jorge Ndlozy: Conforme eu disse acima, as situações de Moçambique e do Brasil são distintas e cada lugar deve adotar estratégias políticas e artísticas que correspondam a sua respectiva situação. Em Moçambique, a população originária não é minoria, nem minoritária. E lá, atualmente, não existe essa divisão entre negros e brancos. Existem também movimentos feminista e LGBTQIA+, mas estes se fazem sentir menos na vida social e no debate público do que no Brasil.

Apesar dessas diferenças geográficas, históricas e culturais, a arte sempre contribui para a liberdade de expressão. Antigamente, na era colonial, essa liberdade não existia. Não podíamos sair e abrir a boca quando quiséssemos. Hoje em dia, a arte conquistou um espaço de expressão para os mais diversos movimentos. A arte se tornou um lugar em que qualquer pessoa, independentemente de sua origem e de suas características pode desenvolver seus ideais e abraçar o mundo. Nesse sentido, e apesar de não ser um lugar de mero aconchego, fazer arte deve ser prazeroso e, ao mesmo tempo, um combate benfeitor.

Em que sentido você diz que as minorias não são muito presentes no debate público de Moçambique? Além da população negra, que hoje é majoritária, há as mulheres, a população LGBTQIA+...

Jorge Ndlozy: Eu não disse que não há minorias ou movimentos sociais em Moçambique. O que tentei dizer é que ser negro em Moçambique e ser negro no Brasil são duas realidades distintas. Na atualidade, em Moçambique, onde a população originária negra forma a maioria e exerce todas as funções sociais possíveis, inclusive e sobretudo o governo, uma pessoa dificilmente será discriminada por ser negra. Os primeiros movimentos feministas moçambicanos surgiram junto à guerra anti-colonial e acompanharam a luta pela libertação nacional entre 1964 e 1974. Mais recentemente emergiram também manifestações políticas em prol da população LGBTQIA+, ainda que menos expressivas e bem menos aceitas quando comparadas à mobilização no Brasil.

Na sociedade, de certa forma, a discriminação, o racismo e o preconceito ainda existem...

Jorge Ndlozy: Evidentemente, como em qualquer sociedade, existem a discriminação e o preconceito na sociedade moçambicana. Mas, no que diz respeito ao racismo, a situação é diferente do Brasil. Para mim, cada um é cada um. Cada um é aquilo que é, com seu respectivo modo de vida. Ninguém é, nem precisa ou pode ser como um outro é. Obviamente, a arte pode e deve expressar o ser e viver de indivíduos, grupos e movimentos minoritários. É uma das funções tradicionais da arte, que contribui para a reflexão, a transformação e o enriquecimento democrático da vida social através da diversidade de seus agentes, temas e formas expressivas. Mas, ao meu ver, a abrangência da arte vai além de pautas identitárias.

Sua última performance é inspirada em Alberto Mabungulane Chissano. Poderia falar um pouco sobre a obra deste artista? Qual a sua importância atual?

Jorge Ndlozy: Chissano foi o melhor e mais famoso escultor de Moçambique. Foi também o mestre de meu irmão. Além disso, era nosso vizinho, quase familiar. A distância entre sua casa e a nossa casa é de 300 metros. Como eu falei, ainda tenho essa carga ancestral. O escultor Chissano foi uma figura culturalmente importante de Moçambique. Foi escultor e político ao mesmo tempo. Mesclado. Antigamente, o político se associava ao artista. Chissano trazia histórias e problemas da era colonial e do combate anticolonial, mas em forma de arte. Deixou um legado fundamental para o período pós-colonial, com registros de expressões muito fortes e politicamente importantes. Em suas obras retratava os acontecimentos sociais. Era abstrato na forma, mas o conjunto da obra referia-se aos fatos reais. Cada escultura contava e encarnava uma história. Falava sobre o massacre de nossos ancestrais, sobre seu lugar de origem, sobre a época em que viveram e sobre seu próprio presente, falava de sua visão sobre a geração vindoura. Os assuntos que exprimia através de suas esculturas me interessavam muito, não somente porque ele era próximo de minha família, mas também porque a questão da luta, tão presente em sua obra, tem a ver com a história de meu pai, que sofreu bastante na guerra da

independência. Chissano parou de estudar por causa da arte. Foi expulso da escola por dançar ngalanga, uma dança tradicional, fora da sala de aula. No espetáculo *Chissano - rito para Mabungulane*, quase no fim, minha dança faz referência a esse fato. Na era dos portugueses, não era permitido fazer danças tradicionais de Moçambique. Éramos obrigados a dançar o vira e o fado, por exemplo. O fato de estar dançando a ngalanga levou a sua expulsão da escola. Chissano parou de estudar, mas virou escultor. E, em sua escultura, a dança está presente e vem de longe. Suas obras trazem corpos em conexão com outros corpos, o corpo ancestral, mas também o corpo africano em confronto com o corpo cristão.

É possível traçar relações entre o trabalho de Chissano e os atuais movimentos decoloniais?

Jorge Ndlozy: A escultura de Chissano emergiu num período da história repleto de confrontos armados extremos entre as forças de opressão colonial e os movimentos de resistência anti-colonial. Desde então, passaram-se cinquenta anos e as características do combate mudaram. Mas a herança colonial persiste mesmo que sua violência se expresse de forma menos explícita do que no passado. Em sua época, a obra de Chissano articulou um discurso anticolonial por meio de uma linguagem artística contemporânea de matriz africana.

Em comparação, os discursos dos movimentos decoloniais da atualidade quase sempre estão impregnados por lógicas e formas que o próprio sistema colonial criou. Sob esse aspecto, a obra de Chissano levanta um desafio: como é possível superar o colonialismo sem se deixar capturar por sua linguagem? No espetáculo *Chissano*, me inspirei nesse escultor. Reinventei sua obra, mas sem tentar imitar sua linguagem, à minha maneira e através da dança. Quando trabalho não pretendo atingir nem perder o que já existe. Procuo fazer algo entre a ancestralidade e a contemporaneidade, de modo que gerem um único momento. Não gosto muito de falar em atualidade porque, às vezes, me faz pensar que o que você fez ontem já não existe, já não é nada. O respeito, por exemplo, pertence à ancestralidade e é algo que traz disciplina, mas já não existe. Quando focamos na atualidade, acabamos deixando coisas ricas para trás.

Em que outros artistas e obras você se inspira?

Jorge Ndlozy: Em Chissano, em Ndlozy, dois escultores. Eu me inspiro muito na escultura de meu irmão, não por ser meu irmão, mas por ter feito obras de que eu gosto e com as quais trabalho. Dois exemplos dessas obras são *Manuna* e *Olhe também pelos lados*. Eu sigo certos aspectos das obras desses artistas, pequenos fragmentos, não o trabalho em sua totalidade. Sigo micro-temas e, depois, trabalho neles. Também havia um dançarino que me inspirava muito, mas desde que me aprimorei na área da dança, não procuro nenhuma pessoa ou obra como modelo para me inspirar. Pessoalmente, prefiro experimentar e fazer. Me inspiro pelo pensamento, sonhando de diversas formas. É claro que, às vezes, busco alguma informação que eu possa vincular a esse pensamento. Na maior parte das vezes, é assim.